

A formação continuada e a reflexão docente: a importância da literatura infantil

*Milene Santos
Adrielle da Rocha Medeiros
Luan Felipe de Oliveira Lêdo*

2

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão a respeito do papel do coordenador pedagógico na promoção do acesso à literatura infantil que é discutido e trabalhado durante os momentos de formação continuada dos professores e estagiários da escola, a partir do que foi observado no estágio obrigatório em Gestão e Coordenação Pedagógica realizado em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) na zona sul de Natal. Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, tomando como base alguns dos estudiosos da área, como Fiorin e Savioli (1991), Lima e Santos (2007), Mendes e Velosa (2016), entre outros, a fim de investigar as atribuições do coordenador pedagógico, indo além de atividades corriqueiras do cotidiano, enfatizando principalmente a promoção de momentos de formação continuada para a problematização da prática docente sobre a importância da literatura infantil. Concluímos que o coordenador tem uma função “chave” na promoção à literatura infantil mostrando-a como indispensável no desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Coordenação Pedagógica; Formação Continuada; Literatura Infantil; Educação.

INTRODUÇÃO

A partir das vivências proporcionadas pelo estágio obrigatório em gestão e coordenação pedagógica, do curso de Pedagogia, realizado em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) na zona Sul de Natal, pudemos observar, na prática, o papel do coordenador e, principalmente, refletir sobre a sua relevância na promoção do acesso das crianças à literatura infantil. Por conseguinte, o presente artigo tem como objetivo discutir o papel do coordenador pedagógico para a promoção de práticas significativas de leitura para crianças. Para embasar nossa discussão, utilizaremos como aporte metodológico não somente a pesquisa bibliográfica, mas também as reflexões possibilitadas pelas nossas vivências em campo de estágio obrigatório.

Compreendendo que o trabalho do coordenador pedagógico não está restrito às práticas puramente organizacionais ou emergenciais do dia-a-dia, entendemos, sob o prisma de Barros e Eugênio (2014) que este é um ofício que demanda estudo, dedicação e reflexão. Além disso, sabe-se que é da competência desse sujeito a promoção de formações continuadas, orientação aos professores, organização de planejamentos coletivos e, sobretudo, ser uma ponte entre a criança, a família e a escola. Assim, é evidente a relevância do coordenador no ambiente escolar, porém, é importante ressaltar que todos os membros da comunidade possuem responsabilidades perante a escola, que só funcionará de maneira satisfatória se houver o engajamento e a contribuição de todos. No entanto, neste artigo, iremos dar destaque, especificamente, ao papel do coordenador pedagógico no acesso da criança à literatura.

Nesse sentido, sendo a formação continuada, uma das atribuições do coordenador pe-

dagógico, entendemos que ela viabiliza, dentro desta perspectiva, que os docentes se mantenham não só atualizados, mas que também possam refletir e mudar seu fazer profissional, possibilitando, assim, um ensino de qualidade aos nossos educandos. Ao trazer à luz discussões sobre a importância da literatura na educação infantil, estamos oportunizando que os docentes reflitam sobre seu fazer profissional para que possam promover práticas de literatura e instigar futuros leitores. Ademais, entendemos que durante os planejamentos o coordenador pode orientar os professores no que diz respeito ao uso da literatura em sala, além de desenvolver, juntamente com os educadores, estratégias para se trabalhar práticas de leitura que sejam não somente interessantes, mas, sobretudo, significativas para as crianças.

Sabendo que o contato com a literatura é indispensável para os pequenos, pois “a criança desenvolve diferentes competências como: o raciocínio; imaginação; criatividade e a interação com o meio social” (SANTOS et al., 2021, p. 2), torna-se imprescindível que a escola desenvolva um trabalho intencional e sistemático com a literatura, oportunizando às crianças a interação com práticas significativas de aprendizagem. Dessa forma, observamos no papel do coordenador pedagógico um potencial no que diz respeito ao fomento de práticas com a leitura no ambiente escolar tendo em vista que enxergamos nesse sujeito alguém capaz de motivar a comunidade e, especialmente, os professores, para que haja transformações significativas dentro e fora da escola.

PERCURSO METODOLÓGICO

Ao adentrar no campo de estágio, nos vimos rodeados por uma nova realidade, a de observar as demandas diárias, as obrigações e a dinâmica do trabalho na coordenação pedagógica. Mas percebemos que para compreender realmente o que estávamos observando era necessário que buscássemos aportes teóricos para fundamentar o que acreditávamos ser ou não ser da competência do Coordenador pedagógico.

Em nossas observações compreendemos que a formação continuada, uma das atribuições do Coordenador pedagógico, se mostra como uma das mais ricas maneiras de refletir sobre o fazer profissional dos pedagogos. As formações feitas pela instituição foram promovidas com o intuito de fazer os profissionais refletirem sobre suas práticas e, ao mesmo tempo, ajudá-los a desempenharem seus trabalhos ao sugerir temas que lhes eram pertinentes.

A grande preocupação da coordenação em desenvolver com as crianças práticas que incentivassem a Literatura Infantil se contrapunha muitas vezes ao próprio interesse dos profissionais que não se mostravam dispostos a participar desses momentos formativos como também dos projetos que envolviam literatura na escola. Diante disso nos propomos a pesquisar referenciais bibliográficos que nos possibilitassem refletir sobre nossas vivências no estágio, dando-nos margem também para a produção do presente artigo.

LITERATURA INFANTIL E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

De antemão, para que possamos compreender a importância que a literatura infantil possui para o desenvolvimento da criança, se faz necessário entender o que são textos não literários e literários. Nessa perspectiva, Fiorin e Savioli (1991) trazem uma contribuição muito significativa, apontando que o texto não literário apresenta um caráter mais utilitário, ou seja, sua função é relatar a realidade existente, seja para informar, convencer, explicar, documentar etc. Em contrapartida, os autores enfatizam que os textos denominados como literários possuem uma função muito mais estética, na qual o escritor busca utilizar recursos linguísticos, como a metáfora, metonímias, repetições, entre outros para cativar o leitor e falar sobre o mundo, recriando-o, com suas palavras de maneira conotativa. Dessa forma, há uma preocupação maior com o plano da expressão tendo em vista que ele, alinhado ao plano do conteúdo, contribui para que o leitor tenha acesso à significação global do que foi lido.

Frente a isso, compreende-se como literatura infantil as obras literárias que são destinadas às crianças, mas não se restringem a elas, pois todos podem apreciar, independentemente da idade. Todavia, apesar dessa concepção, Araújo (2019, p. 18-19) salienta que “não são todos os livros que circulam com rótulo de infantil que correspondem à literatura específica para o público infantil. Para configurar-se literatura infantil é necessário que a linguagem assuma a essencialidade da obra, permitindo que a criança faça uso da fantasia”, ou seja, devemos estar atentos, pois nem todo livro que é dito como infantil possui um trabalho significativo com a linguagem.

Ademais, entende-se que a literatura é capaz de propiciar muitos benefícios para a criança, pois trabalha diretamente com o imaginário, fazendo com que o leitor recrie a realidade que está inserindo e rompa as barreiras impostas pela concretude, promovendo, assim, a abstração de conceitos e a reflexão. Dessa maneira, a literatura

fomenta no leitor a curiosidade e o interesse pela descoberta; permite que ele vivencie situações pelas quais jamais passou, alargando seus horizontes e tornando-o mais capaz de enfrentar situações novas. Ou seja, ao romper com as barreiras da realidade, possibilita ao leitor o acúmulo de experiências só vividas imaginariamente, o que o torna mais crítico e mais criativo, além de ensiná-lo a reagir a situações desagradáveis e de ajudá-lo a resolver seus próprios conflitos. (SANTOS et al., 2021, p. 3)

Nesse sentido, Mendes e Velosa (2016) enfatizam a importância de as crianças terem contato com os livros desde muito pequenas para que possam desenvolver, progressivamente, a sensibilidade estética, a educação emocional, bem como o pensamento crítico e divergente. Lopes (2012), por sua vez, aponta que quando as crianças leem elas imaginam, sonham, sentem e emocionam-se, aprendendo com essa vivência e materializando essas aprendizagens em seu mundo real. Assim, entende-se que a literatura infantil favorece o desenvolvimento da criança uma vez que através dela é possível desenvolver aspectos não somente cognitivos como também sociais, afetivos e emocionais.

Compreendendo os benefícios da literatura para o desenvolvimento das crianças, ressaltamos assim a importância de as escolas realizarem um trabalho sistemático e intencional com práticas significativas de leitura, pois a formação de sujeitos leitores ativos e críticos está totalmente relacionada ao trabalho que é desempenhado nesses ambientes de ensino. Oportunizar o contato das crianças com os livros é, portanto, fundamental para que elas possam desenvolver não somente o hábito, mas também o prazer e gosto pela leitura.

O COORDENADOR PEDAGÓGICO, A FORMAÇÃO CONTINUADA E A RESISTÊNCIA DOCENTE

O trabalho do coordenador pedagógico parece viver uma dicotomia cercada por mitos, principalmente por aqueles que vivenciam o trabalho do profissional diariamente e, a partir disso, formam opiniões precipitadas. Por um lado, existem pais e alunos que encaram o trabalho cotidianamente do coordenador pedagógico como aquele responsável por monitorar o comportamento dos alunos, distribuir advertência e estabelecer comunicação com as famílias. Do outro lado, estão professores e educadores que enxergam o coordenador como sendo “o professor dos professores”, responsável por trazer momentos de reflexões quanto a prática docente, supervisionar e dar suporte às atividades realizadas em sala de aula. Mas reduzir a visão do coordenador em dois lados opostos realmente contempla todas suas atribuições?

Para Lima e Santos (2007) o trabalho do coordenador pedagógico está envolto em metáforas e rótulos que tentam sintetizar o trabalho desse profissional com termos do tipo: “bombril” (mil e uma utilidades), “bombeiro” (apaziguar conflitos) ou de “salvador da escola” (o que responde pelo desempenho dos professores e discentes). São estigmas que fragmentam e distorcem o papel do coordenador, colocando-o como “único” responsável pelo sucesso ou insucesso da instituição.

Claro, o trabalho do coordenador pedagógico envolve atribuições que contemplam auxiliar e favorecer professores em suas práticas, acompanhar processos pedagógicos, acompanhar o progresso dos alunos e algumas outras atividades já citadas neste trabalho, porém, é um ofício que também envolve planejamento e meditação quanto às suas práticas.

No parágrafo 2º do artigo 67 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) há uma breve consideração sobre o perfil do coordenador pedagógico:

Para os efeitos do disposto no § 5º do art. 40 e no § 8º do art. 201 da Constituição Federal, são consideradas funções de magistério as exercidas por professores e especialistas em educação no desempenho de atividades educativas, quando exercidas em estabelecimento de educação básica em seus diversos níveis e modalidades, incluídas, além do exercício da docência, as de direção de unidade escolar e as de coordenação e assessoramento pedagógico. (BRASIL, 1996)

Além do artigo 67 da lei nº 9.394/96 deliberar para atividades que cernem direção, coordenação e assessoramento pedagógico na Educação Básica, a necessidade da diploma-

ção em Pedagogia ou possuir nível de pós-graduação na área, também prevê, no parágrafo 1º, a obrigatoriedade da experiência docente como pré-requisito para qualquer outra função de magistério. Nesse caso, o coordenador pedagógico vai mais adiante do que apenas um profissional com formação no campo da educação, mas que a partir de suas experiências em sala de aula, conhece o “chão” da escola, suas demandas e carências, consegue construir uma prática com base na realidade escolar em que está situado.

Ao falar sobre o coordenador pedagógico é preciso compreender que tal lotação em uma instituição de ensino envolve diferentes públicos e práticas, de forma democrática e articulada com a realidade e a necessidade do professor, do aluno e toda comunidade escolar. Conforme Paro (2013), administrar ou coordenar é um processo que permeia várias camadas, que vai além de mandar ou ser mandado, mas um conjunto de mediações, seja de recursos, pessoas, comportamento, cultura, que terá como finalidade a transformação do educar e do educando.

De acordo com Barros e Eugênio (2014) o trabalho do profissional coordenador não está pautado apenas em atividades práticas e organizacionais ou nas necessidades emergenciais do cotidiano, mas em um ofício que demanda estudo, dedicação e reflexão. É nesse processo de reflexão e aperfeiçoamento das práticas docente que está uma das principais atribuições do coordenador pedagógico, a realização de momentos de formação continuada. Entre tantas das atribuições do coordenador pedagógico anteriormente citadas, iremos destacar aqui, a responsabilidade em propiciar uma formação continuada com os professores como uma das mais relevantes para a nossa presente discussão.

Mediante uma sociedade que está ativamente em constante transformação, a formação continuada surgiu como um momento reflexivo das práticas pedagógicas com o intuito de ir além da atualização das metodologias de ensino. Para analisarmos a importância da formação continuada, podemos fazer uso da percepção de Chimentão (2009, p. 3), que afirma que “o avanço dos conhecimentos, tecnologias e as novas exigências do meio social e político impõem ao profissional, à escola e às instituições formadoras, a continuidade, o aperfeiçoamento da formação profissional”.

A formação continuada possibilita que os docentes se mantenham não só atualizados, mas também que eles possam refletir e mudar seu fazer profissional, possibilitando assim, um ensino de qualidade aos educandos. Em vista disso, cabe ao coordenador pedagógico promover esses momentos, pois

A presença do coordenador pedagógico está para compartilhar essas dificuldades, para mostrar aos professores que não estão sozinhos, para articular uma equipe que se apoie, que proporcione uma formação sólida e que todos busquem juntos alternativas visando a aprendizagem dos alunos. (BARROS; EUGÊNIO, 2014, p. 4)

Além disso, a formação continuada deve ser encarada não apenas como um espaço de capacitação, mas entendida “como mais um dos múltiplos contextos de formação que permitem ao professor problematizar o sentido que atribui à sua prática, entendendo-a como

produtora de teoria” (LUIZ, I. C. et al. 2015. p. 101).

Em nossas vivências no campo de estágio, nos foi oportunizada a participação em algumas das formações continuadas em conjunto com os professores da instituição, nas quais pudemos acompanhar de perto a importância de um espaço aberto para a troca de saberes e discussões que partiam das necessidades e dificuldades diárias dos docentes como analisar os níveis do desenho infantil, as concepções de criança, de infância, a educação inclusiva, entre outros temas que eram de uso prático para os pedagogos e que os faziam refletir sobre suas próprias práticas pedagógicas. Tendo em vista que o projeto político pedagógico da instituição de ensino prevê práticas pedagógicas que visem promover a literatura na primeira infância, percebemos um interesse por parte da coordenação em discutir, em suas formações, a importância da literatura na educação infantil.

O CMEI, no qual realizamos o estágio obrigatório em Gestão e Coordenação Pedagógica, conta com um rico acervo de literatura infantil, possui projetos de leitura nas salas de aula, onde diariamente é escolhido um livro para ser lido para as crianças, contemplando do berçário ao nível 4. Além do momento cultural realizado às sextas-feiras, em que se reúnem todas as turmas no pátio da instituição a fim de participarem de alguma apresentação, seja dos professores ou mesmo das próprias crianças. Porém, apesar do interesse do coordenador pedagógico em trazer para os momentos formativos temas que levam em conta a importância da literatura infantil, ainda há uma grande resistência dos professores em participar desses encontros e atividades.

Foi observado que nos momentos de formação realizadas no CMEI, a maioria dos professores colocam objeções na participação dos encontros ou quando participam não há uma interatividade recíproca. Portanto, parece que os próprios professores desconhecem a importância da reflexão para as suas práticas educativas.

Repensar as práticas pedagógicas, significa refletir sobre o “eu” docente, compreender pontos fortes e fracos dessas práticas, para que a partir disso haja uma mudança das relações professor, aluno e aprendizagem. Negar essa reflexão, no caso do uso da literatura infantil, é manter metodologias que podem comprometer o desenvolvimento infantil, causar desinteresse ao livro, impossibilitar trabalhar com a ludicidade e restringir a imaginação dos alunos. Visto que a literatura infantil permite abrir caminhos para imaginação, viajar sem sair do lugar, em que “Meninas podem ser princesas, meninos podem ser príncipes, imaginamos finais para histórias que nos deixam tão maravilhados que nossa imaginação vai a mil.” (ARAÚJO, 2019, p. 488).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as observações que foram feitas no estágio obrigatório em Gestão e Coordenação Pedagógica e a pesquisa bibliográfica que foi organizada para este trabalho, foi possível perceber a importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança e o

papel do coordenador pedagógico como intermediador por meio da formação continuada.

O coordenador pedagógico vai além das atividades cotidianas em uma instituição educativa, não é apenas um apaziguador de conflitos, mas um agente que conhece o “chão” da escola e por meio disso irá proporcionar a reflexão docente sobre as práticas pedagógicas de modo a melhorar a relação entre professor, aluno aprendizagem, seja por meios de novas possibilidades ou aprimoramentos.

Nesse sentido, o uso da literatura infantil é de suma importância pelo fato de proporcionar benefícios ao educando. A literatura é uma maneira de vivenciar o lúdico, de trabalhar a imaginação, de sobrepor barreiras e a partir disso desenvolver a educação emocional, a sensibilidade e a criticidade.

Cabe, portanto, ao coordenador pedagógico superar os obstáculos, as resistências e o desinteresse docente, não apenas para abrir as portas para a literatura infantil, mas que continuamente novos caminhos possam ser traçados.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Suellen Camyla Matias de. **Contribuições da Literatura Infantil da Formação de Leitores a partir da Educação Infantil**. 2019. 65 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17805>. Acesso em: 31 out. 2022.

BARROS, Séfora; EUGENIO, Benedito G. O coordenador pedagógico na escola: formação, trabalho e dilemas. **Educação Gestão e Sociedade**, Jandira, v. 1, n. 4, p. 1-15, nov. 2014. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170509160828.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2022.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional **Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996**.

CHIMENTÃO, Lilian Kemmer. **O significado da formação continuada docente**. UEL, 2009.

FIORINI, José Luís; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LIMA, Paulo Gomes; SANTOS, Sandra Mendes dos. O coordenador pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas. **Educare Et Educare**, Cascavel, v. 2, n. 4, p. 77-90, jun. 2007. Semestral. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/1656>. Acesso em: 18 nov. 2022

LOPES, M. (2012). **O interpretante emocional na interação das linguagens visual e verbal em Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque e Ziraldo**. In R. Araújo., & W. Oliveira (Orgs.), *Literatura infantojuvenil: diabruras, imaginação e deleite* (pp. 109-122). Vila Velha.

LUIZ, I. C. et al. Narrativas de formação continuada: sentidos produzidos por professores de Educação Física. **Motrivivência**, v. 27, n. 44, p. 93-108, maio/2015.

MENDES, Teresa; VELOSA, Marta. Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. **Pro-Posições**, [S.L.], v. 27, n. 2, p. 115-132, ago. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0041>.

PARO, Vitor Henrique. GESTÃO Escolar Democrática - Prof. Vitor Henrique Paro (Entrevista completa). [S.l]: Youtube, 2013. (102 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WhvyRmJatRs> . Acesso em: 05 nov. 2022.

SANTOS, Ronielle Batista Oliveira; OLIVEIRA, Hosana Correia de; CARVALHO, Jaqueline de Deus; JORGE, Regina Santos; GUIMARÃES, Elisângela Oliveira; CUNHA, Inara Maria da Silva; FURTUNATO, Kauê Vargas; QUEIROZ, Nívia Rodrigues de; SILVA, Karla Suely Brasil da. A importância da leitura na sala de aula. **Research, Society And Development**, [S.l.], v. 10, n. 4, p. 1-10, 12 abr. 2021. Research, Society and Development. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i4.14129>.